

Fatores de insegurança para adolescentes escolares: promovendo uma cultura de cuidado

Darlan Lima Paivaⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Raimundo Augusto Martins Torresⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

Análise do eixo segurança, disponível na PeNSE/IBGE de 2019 para investigar os tipos de violências incididos nos adolescentes que interferem na aprendizagem do escolar. O recorte da cidade de Fortaleza permite aos professores, profissionais da saúde e gestores pensar ações que promovam uma cultura de cuidado na sociedade e na escola, a fim de contribuir para o desenvolvimento integral dos adolescentes. O exame dos dados fundamentado à revisão de literatura contribui para a reflexão da realidade local, buscando superar os sinais de violências e inseguranças que atingem os adolescentes escolares. A pertinência se dá pelas reflexões sobre o fortalecimento de uma cultura de cuidado como forma de promover a saúde do escolar. Diante disso, considera-se dispersa e incipientes as políticas públicas de proteção dos adolescentes, pois aumentaram os casos de violências para esse público.

Palavras-chave: Adolescente. Violência. Violência sexual. Escola.

Insecurity factors for school teenagers: promoting a culture of care

Abstract

Analysis of the security axis, available at PeNSE/IBGE in 2019 to investigate the types of violence that affect adolescents that interfere with school learning. The focus on the city of Fortaleza allows teachers, health professionals and managers to think about actions that promote a culture of care in society and at school, in order to contribute to the integral development of adolescents. The examination of the data based on the literature review contributes to the reflection of the local reality, seeking to overcome the signs of violence and insecurities that affect adolescent students. The pertinence is given by the reflections on the strengthening of a culture of care as a way to promote the health of the student. In view of this, public policies for the protection of adolescents are considered dispersed and incipient, as cases of violence against this public have increased.

Keywords: Adolescent. Violence. Sexual violence. School.

1 Introdução

A violência urbana tornou-se um ponto de atenção na sociedade moderna, pois gera diversos fatores de insegurança para a população, atingindo, principalmente, as crianças e adolescentes, impactando seu desenvolvimento e seu processo de aprendizagem.

As escolas, que outrora eram vistas com um espaço sagrado de proteção aos escolares, inserida nesse contexto, recebe influências externas e seus atores reproduzem ou sofrem violência e, nos seus corredores, ver-se emergir fatores de riscos à saúde dos escolares visto que estão expostos a situações de vulnerabilidade e, até mesmo, de violências física e sexual.

De encontro a esse cenário, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), interrogou jovens escolares sobre esse cenário. Esse censo tornou-se documento de referência na identificação dos agentes de inseguranças e de violência na sociedade e nas escolas brasileiras.

O estudo do IBGE oportunizou para a sociedade um amplo arquivo sobre informações relacionadas à população adolescente de 13 a 17 anos, abrangendo os estudantes matriculados no 9º ano do ensino fundamental. Para este estudo, destacou-se as interrogações sobre segurança e insegura no cotidiano escolar dos adolescentes, abarcando a violência física e sexual sofrida por eles. (IBGE, 2019)

Essas investigações relativas ao desenvolvimento biopsicossocial dos adolescentes, visualizando o recorte da cidade de Fortaleza, permitem aos professores, educadores, profissionais da saúde e gestores pensar formulações de ações que promovam uma cultura de cuidado na escola, extensiva à sociedade. Objetiva-se, assim, contribuir para a saúde da população, principalmente, para o desenvolvimento integral dos adolescentes.

A PeNSE teve início no período de 2009 e, em 2019, chegou a sua 4ª edição com um material relevante, que serviram como elementos norteadores para diversos estudos, a fim de examinar e refletir a violência na escola, procurando pensar alternativas para seu enfrentamento.

A revisão narrativa sobre as reflexões acerca da violência na capital e os fatores de insegurança, como reprodução da violência urbana na escola, junto com a

pesquisa censitária oferecem aos educadores subsídios para tecer considerações e encontrar estratégias para a superação de ações violentas entre escolares e de outros agentes sobre os estudantes que, decerto, impactam a aprendizagem dos adolescentes.

Para tanto, analisou-se o eixo segurança, disponível na PeNSE/IBGE de 2019, que investigou a exposição a acidentes e os tipos de violências as quais são acometidos os adolescentes.

3

Esse estudo alumia o espaço escolar para que professores, gestores e profissionais de saúde reconheça e identifique os sinais de violências e inseguranças que atingem os adolescentes escolares. Incita também reflexões sobre o fortalecimento de uma cultura de cuidado como forma de promover a saúde do escolar.

2 Metodologia

Análise descritiva do eixo segurança através da observação, da leitura e da comparação dos dados estatísticos do PeNSE/IBGE 2019. Esses dados foram transformados em gráficos para gerar uma síntese comparativa das informações referente aos dados da cidade de Fortaleza de forma a visualizar os fatores de risco à saúde dos escolares, comprometedores de aprendizagem. A revisão de literatura permitiu a reflexão e a abordagem teórica sobre a violência, principalmente, na cidade fortalezense, além de conceber a cultura do cuidado como uma forma de amenizar ou evitar esses fatores de insegurança e violência junto aos adolescentes escolares. A literatura de base foram Anuário brasileiro de segurança pública (2022; 2023), as Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde (2010), os textos teóricos de Colaço et al. (2021) e Raposo (2009).

Os participantes da pesquisa do IBGE foram 29.739 adolescentes escolares de Fortaleza que responderam ao questionário proposto pelo IBGE. Fez-se a análise da tabela 9 que revela o tema Segurança e Insegura no cotidiano escolar do Adolescente, incluindo, ainda, a violência física e sexual.

3 Resultados e Discussões

4

A cidade de Fortaleza convive com a realidade de violência e insegurança que reverbera nos corpos dos escolares adolescentes, interferindo no fazer pedagógico, no fluxo do ir-e-vir das populações e modificando as rotinas escolares. Essa conjuntura de proporções nacionais ocorre, cotidianamente, nas periferias que são as regiões das cidades mais afetadas pela violência, conforme Colaço et al., 2021, p. 480:

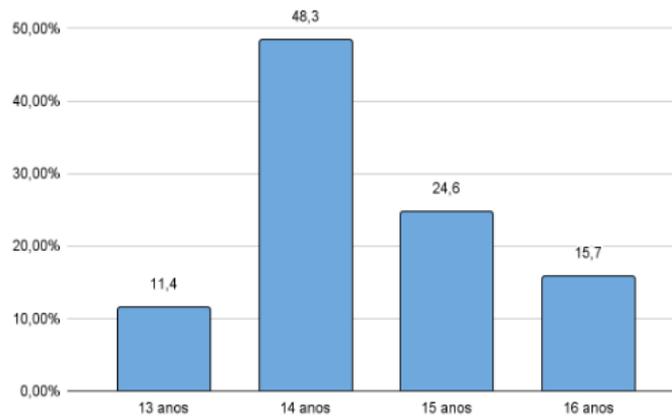
Historicamente no Brasil a violência urbana é perpassada por conflitos territoriais, disputa de poder do tráfico de drogas e armas e os/as moradores(as) de áreas afetadas pela violência convivem com a falta de saneamento básico e outras carências que retratam a presença frágil do Estado. Essas comunidades ganham notoriedade por apresentarem os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), além das maiores taxas estatísticas nas questões de pobreza e homicídios, compondo um território estigmatizado.

Nesse sentido, a escola, seus profissionais e a comunidade organizada vão tecendo sonhos e projetos de esperanças no microcosmo, enquanto políticas públicas intersectorializadas e articuladas com as localidades e seus membros vão sendo gestadas lentamente.

As escolas organizam passeatas, marchas pela paz, projetos de solidariedade, sensibilização e convivência, articuladas com seu currículo formal. Contudo, a realidade que se apresenta, é complexa por sua historicidade e temporalidade não obtém soluções imediatas, cabendo aos especialistas analisarem a realidade, entendê-la, para assim, modificá-la.

A PeNSE de 2019 entrevistou 29.739 adolescentes, sendo 14,888 homens (50,1%) e 14,851 mulheres (49,9%). A faixa etária do público-alvo variou entre 13 e 16 anos de acordo a Figura 1.

Figura 1 - Percentual do perfil etário dos escolares



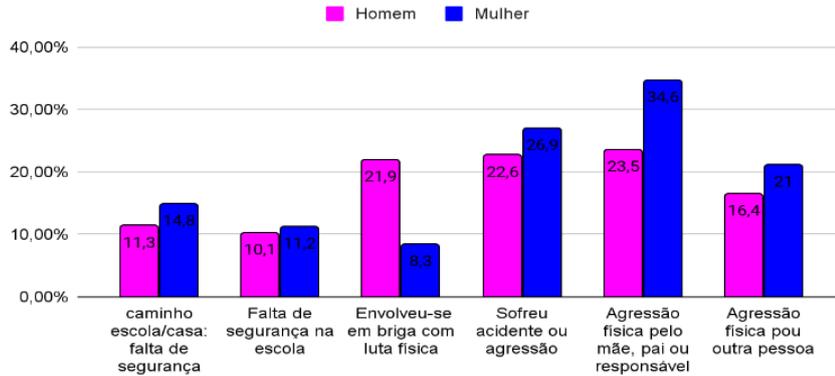
Fonte: IBGE/PeNSE - 2019 – Tabela 1.2 idade dos escolares entrevistados

A diversidade de violência e situações de vulnerabilidade atingem os adolescentes de forma diferente e circulam de forma heterogênea em um mesmo espaço geográfico, acentuando que os bairros com menos IDH, mais carentes, possuem recorrentes marcas dessas violências nos corpos dos adolescentes.

Os fatores de vulnerabilidade não se distribuem de forma homogênea no espaço geográfico, mesmo no âmbito de cada município. Em geral, os bairros mais pobres são marcados pela ausência de opções de lazer e cultura, bem como de espaços públicos para o convívio comunitário e a prática desportiva. Essas desigualdades afetam as diferentes dimensões da vida social de adolescentes e de jovens – em particular em relação à saúde – e reverberam de modo perverso nos dados sobre mortalidade e morbidade entre esse segmento populacional (BRASIL, 2010, p. 47).

Nesse sentido, os fatores que causaram a falta dos adolescentes às atividades escolares, exigem atenção dos gestores e profissionais que fazem seu atendimento. Assim, os principais motivos que fizeram os alunos não comparecerem à escola foram: a falta de segurança no caminho de casa para a escola ou da escola para casa; a falta de segurança na escola; envolveu-se em briga com luta física; sofreu acidente ou agressão; foi agredido pelos genitores ou responsável e sofreu agressão por outra pessoa.

Figura 2 - Insegurança e agressão ao adolescente



Fonte: IBGE/PeNSE 2019 – Tabelas 9.7, 9.8, 9.9, 9.10, 9.14 e 9.15 Insegurança/Violência física/Agressor

Esses dados corroboram com as falas de escolares, que em roda de conversas, nos bate-papos informais com seus educadores, ou em revelação diante de momentos de angústias e ansiedade, nas salas de coordenações, relatam terem sofrido violências físicas ou psicológicas e reconhecem os efeitos negativos dessas ações em seus corpos e em suas mentes, logo, incidem em seu desenvolvimento enquanto pessoa.

Diante disso, evidencia-se a negação e o descumprimento dos direitos à proteção integral e ao bem-estar dos escolares assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O artigo Art. 3º do ECA afirma que eles usufruem de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. Além do mais, sua proteção integral deve ser garantida por força de lei ou por outras ações tais como medidas protetivas, projetos, e outros meios que o judiciário achar cabível. Afirmando assim, que deve ser dada todas as “as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”. (BRASIL, 1990, s/p)

Assim exposto, ancorado nos dados do PeNSE 2019, percebe-se que os territórios, nas grandes cidades, habitados pelos adolescentes, e especificamente, em Fortaleza, apresentou-se inseguro para 26,1% dos entrevistados no trajeto casa-escola e escola-casa, revelando a nova dinâmica de insegurança e violência que se impõem dentro da escola (21,3%) e fora dela. Portanto, nesse cenário, para esses adolescentes, os espaços tornaram-se perigosos e ameaçadores, quando se leva em consideração a cor da pele, fator não apresentado na pesquisa, porém muito

relevante, os adolescentes negros estão mais propícios a sofrerem violências, como aponta, Colaço et al., (2021, p. 494):

Os territórios passam a ser espaços de risco principalmente para os jovens negros do gênero masculino, com o aumento da exclusão social, da estigmatização dos territórios e do enfraquecimento das políticas públicas. Marcado por um contexto de opressão, pobreza e domínio do crime organizado, os territórios têm se tornado também um fator de risco para a violência contra a juventude negra e periférica.

7

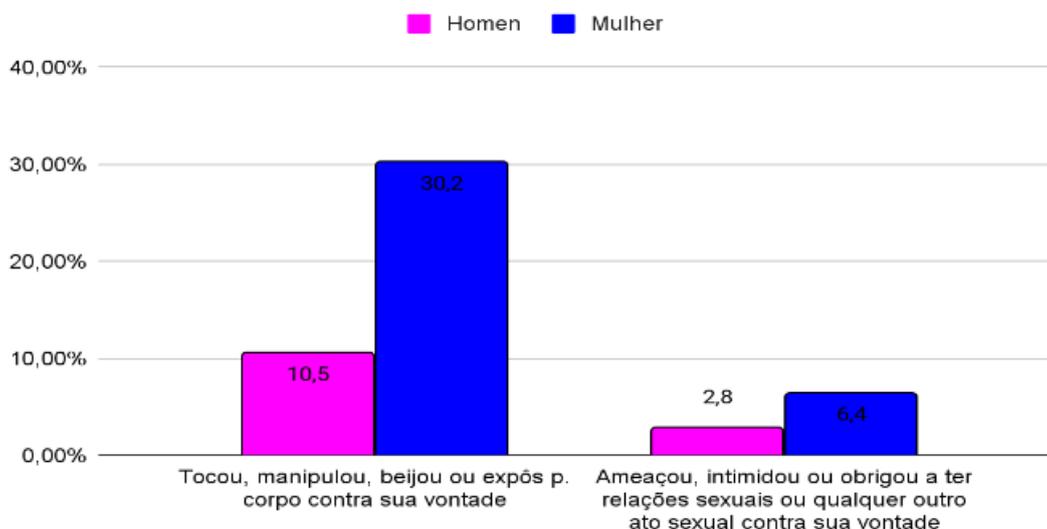
A violência sexual com incidência na mulher é um determinante que demanda ações para a proteção das adolescentes escolares. A violência sexual para com crianças e adolescente é um crime hediondo e se configura na violação dos direitos sexuais, empregando o uso da força ou alguma ação de coação. As crianças e adolescentes por se encontrarem em desenvolvimento e serem indivíduos em condição vulnerável, não estão em situação de igualdade com o violador.

O PeNSE 2019 ouviu as vozes dos escolares para dizerem que sofreram violência sexual e a incidência dessa violência se acentuou na adolescente. De acordo com Brasil (2010, p. 23):

[...] as mulheres, em todas as faixas etárias, são as principais vítimas de violência doméstica, sexual e outras violências, com 6.636 casos (74%). As mulheres jovens e adultas de 20 a 59 anos sofreram maior violência, tendo registrado 79,9% das agressões. Em segundo lugar as adolescentes de 10 a 19 anos de idade, correspondendo a 77,9% dos atendimentos.

Na Figura 3, apresenta-se um recorte da sociedade machista, sexista que trata as meninas adolescente como objeto, violando seus corpos e comprometendo seu desenvolvimento, logo sua dignidade de ser humano. Apesar do rigor da lei que tipifica e penaliza esses crimes e das campanhas de conscientização, a violência continua. O que torna esse cenário menos assombroso, são os números de denúncias que aumentou durante o decorrer dos anos.

Figura 3 - Violência sexual



Fonte: IBGE/PeNSE – 2019 - Tabela 9.17 e 9.19 – Violência sexual aos escolares do 9º ano.

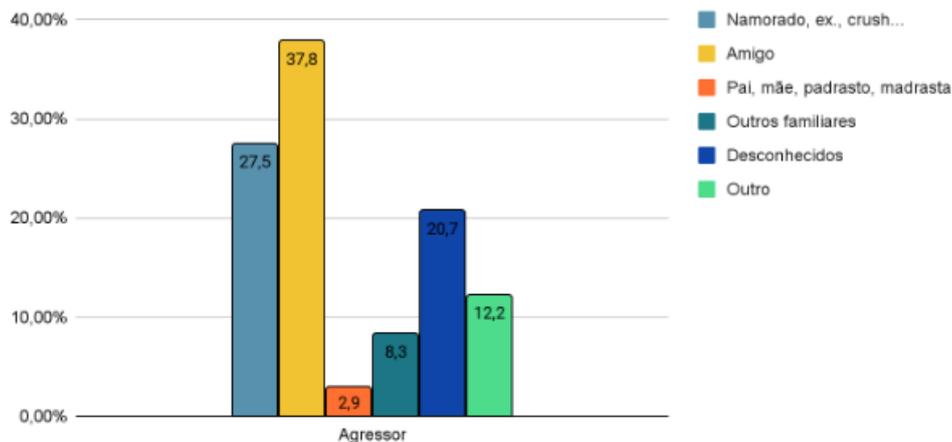
A escola e os seus educadores exercem um papel, preponderante, no combate à violência sexual e na proteção dos adolescentes pela proximidade e confiança que eles dedicam aos professores no sentido de mobilizar conhecimentos para informação e prevenção a toda forma de abuso e violência. Cabe aos professores e coordenadores escolares notificarem a chefia imediata e ao conselho tutelar quando da identificação de alguma forma de violência ou abuso à criança e ao adolescente.

Os maus-tratos manifestam-se nas formas de violência física, sexual, psicológica ou podem ser por ação ou omissão, e, nesses casos, se caracterizam como negligência. O Estatuto considera maus-tratos um problema de saúde pública e determina, de forma inovadora, a obrigatoriedade de comunicação dos casos suspeitos ao Conselho Tutelar (RAPOSO, 2009, p. 124).

Os agentes violadores fazem parte dos círculos afetivos e de confiança dos adolescentes ouvidos, que pode implicar, assim, na não-denúncia, nem exposição do agressor. Amigo, namorado e outros familiares, figura 4, foram os abusadores

identificados no censo, impondo aos professores, familiares e gestores públicos mobilização para a construção de uma cultura cuidado, com foco na prevenção e enfrentamento ao abuso sexual. Ademais, precisa-se evidenciar nas relações cotidianas os laços de proteção, solidariedade, empatia e respeito ao outro.

Figura 4 - Identificação do agressor



Fonte: IBGE/PeNSE – Tabela 18 – Categoria do Agressor.

O censo evidenciou que a violência ou o abuso sexual ocorreram quando os escolares era crianças, 73,4% apresentavam idade menor que 13 anos no período da agressão. Esse fato causa perplexidade e incita a toda a sociedade a investir no combate ao abuso e exploração sexual das crianças e adolescentes.

Sabe-se que os dados tanto do IBGE e da PeNSE (2019), descreve a realidade em não tecem juízos de valores sobre os temas inquiridos, contudo ressalta-se que as evidências apresentadas pelas vozes das adolescentes, configura-se como estupro de vulnerável, sendo considerado um crime cruel, que deve ser combatido e prevenido, porque as marcas são grandes no processo de crescimento do escolar.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022, p.4), conseguiu “separar os dados do crime de estupro do crime de estupro de vulnerável, [podendo] enxergar que 53,8% desta violência era contra meninas com menos de 13 anos. Esse número sobe para 57,9% em 2020 e 58,8% em 2021”. O Anuário Brasileiro de segurança

pública vem reforçar que a violência sexual em 2022 continua a incidir nas crianças e adolescentes as quais foram a maioria das vítimas. A saber:

10,4% das vítimas de estupro eram bebês e crianças com idade entre 0 e 4 anos; 17,7% das vítimas tinham entre 5 e 9 anos e 33,2% entre 10 e 13 anos. Ou seja, 61,4% tinham no máximo 13 anos. Aproximadamente 8 em cada 10 vítimas de violência sexual eram menores de idade (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 156).

10

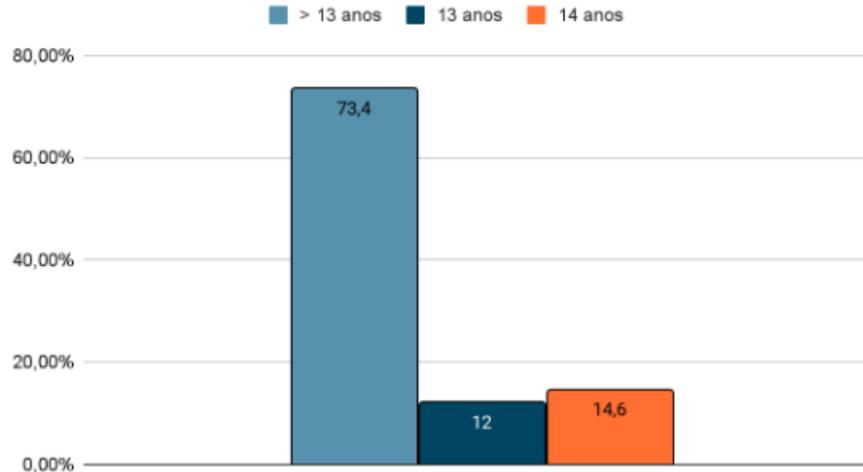
O cuidado e a proteção integral ao desenvolvimento socioemocional e físico, bem como o cuidado com a saúde das crianças e adolescentes são desafios que se impõem para a construção de uma sociedade salutar, harmônica e pacífica. Garantir que esse público cresça saudável é uma premissa de toda sociedade desenvolvida.

Ao fazer o levantamento e análise dos dados, bem como discutir com os adolescentes esses fatores estamos a evidenciar “as questões prioritárias de atenção à saúde de adolescentes e jovens [que] são: o crescimento e desenvolvimento saudáveis; a saúde sexual e reprodutiva; e a redução da morbimortalidade por violências e acidentes” (RAPOSO, 2009, p. 127).

Na clareza das evidências que uma grande quantidade de vítimas são as meninas a sociedade obriga-se a pensar estratégias de enfrentamento, com foco também na prevenção e no cuidado das meninas crianças e adolescentes.

A escola possui um papel importante uma vez que contribui no processo de identificação e denuncia e na elaboração de projetos interdisciplinares de prevenção. De acordo Anuário de Segurança Pública (2022, p. 5), “muitas vezes o abusador se aproveita da ignorância da criança e, se ela tiver consciência, dependendo da situação, pode mesmo evitar que o abuso ocorra.”

Figura 5 - Idade do escolar a época da violência



Fonte: IBGE/PeNSE – 2019 – Idade do escolar à época da violência Sexual

Esse cenário de abuso e violência por que passaram os escolares adolescentes volta-se em forma de problemas de toda ordem. Tudo isso vem afetando, diretamente, o ambiente da escola, atingindo a saúde do estudante, impactando o sucesso da aprendizagem. No espaço escolar, os professores deparam-se com estudantes com ansiedade exacerbada, com sintomas de indícios de depressão, medo do futuro, automutilação, angústia, tristeza e indiferença à existência e ao seu projeto de vida.

Para detectar e visualizar os sinais de violência presente na sociedade e que estão presentes nos corpos dos escolares é preciso resgatar a dimensão do cuidado no âmbito escolar. A escola deve pautar-se em perceber o indivíduo em sua totalidade, com suas fragilidades, angústias, fragilidades e potencialidades. O olhar de atenção dos professores, dos funcionários, dos gestores juntos aos escolares para que o seu bem-estar possa estar garantido, no intuito de zelar pelo seu desenvolvimento pleno e assim, garantir a aprendizagem.

Deve ser entendido e praticado por todos como "um fenômeno intencional, essencial à vida, que ocorre no encontro de seres humanos em interação, por meio de atitudes que envolvem consciência, zelo, solidariedade e amor". (VALE, 2008, p. 120).

O cuidado possui várias significações e, direcionada, à educação escolar pode ser conceituado sobretudo como a atenção que direcionamos a um indivíduo ou

a um grupo. Vem a ser, precipuamente, a solidariedade e a responsabilidade com o outro. Para o trato com os escolares, podemos trazer as acepções de Boff (1999, p. 91): “Cuidado é o desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato [...] atitude fundamental de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude”. Ainda nas palavras do teólogo, o cuidado compreende, principalmente:

12

[...] o preocupar-se com o outro, colocar-se no lugar dele”, nesse sentido, “ o cuidado sempre acompanha o ser humano porque este nunca deixará de amar e de se desvelar por alguém, nem deixará de se preocupar e de se inquietar pela pessoa amada” (BOFF, 1999, p. 92).

Por que é importante trazer esse conceito de cuidado para o universo escolar? “Porque precisamos deixar a dimensão das emoções contagiar um espaço que a rigor é totalmente racionalizado. Um professor ou uma professora só vai perceber um aluno ou aluna vítima de abuso se ele tiver o olhar cuidadoso, um professor preocupado somente em concluir o conteúdo programático do livro didático e não procurar olhar seus alunos sob a lente do zelo e da empatia, dificilmente verá um sinal de abuso ou violência nesse escolar

Deste modo, suscitamos o conceito de cuidado para dentro das escolas. O teólogo nos ensina que o “ cuidado é um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo, que funda as relações que se estabelece com todas as coisas.” (BOFF, 1999, p. 92).

Através desse sentimento que nos situa no mundo que “não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos [...] a relação não é de domínio sobre, mas de convivência. Não é pura intervenção, mas inter- ação e comunhão”. (Boff, 1999, p.95)

Na escola, não basta relacionarmos-nos priorizando a razão, precisamos desenvolver nossa capacidade de nos colocar no lugar do outro, de:

[...] construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valores. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a

elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros. A categoria cuidado recolhe todo esse modo de ser . Mostra como funcionamos enquanto seres humanos (BOFF, 1999, p. 99).

Outra nuance do cuidado é o zelo consigo mesmo, ou seja, o autocuidado que usamos como estratégia para a promoção do bem-estar pessoal do indivíduo, suscitando a promoção de saúde.

Essa dimensão humana e filosófica é estudada no campo da teoria dos cuidados clínicos em enfermagem e saúde, educação e do ensino humanístico. Mergulhando nesse enfoque do saber para podermos aprofundar conceitos, fazendo conexões com a educação para inspirar novos olhares no espaço escolar.

Portanto o ensino-aprendizagem deve ter como foco o sujeito histórico e seus saberes com o olhar do cuidado na ação pedagógica, suscitando a aprendizagem com prioridade no bem-estar dos estudantes.

O olhar cuidadoso deve estar aliado ao olhar crítico e científico para a identificação dos sinais de violências e abusos sexuais sofridos pelos adolescentes. Nesse sentido, reproduzimos as orientações do ministério da saúde para os profissionais da saúde que servem de base também aos educadores no enfrentamento dessas violências.

Assim faz-se necessário os gestores e professores da escola estejam atentos ao contexto em que crianças e adolescentes em situação de violência sexual estão inseridos, favorecendo um diálogo aberto, solidário e acolhedor:

As famílias e os adolescentes devem ser incentivados a procurar ajuda nos casos em que houver suspeita ou violência confirmada. É fundamental orientá-los sobre as diferentes fases do desenvolvimento do adolescente e quanto a aspectos dos relacionamentos afetivos, respondendo suas dúvidas sobre sexualidade e encaminhando para serviços especializados quando necessário (BRASIL, 2018, p. 92).

Nas situações de violência sexual diagnosticada pela escola é de suma importância que as/os adolescentes e suas famílias sejam orientados a procurarem os órgãos de proteção, a serem ajudados a acionar os serviços de saúde e serviços

de apoio e segurança existente na cidade, entre eles o conselho tutelar. A escola pode também acionar caso a família resista a tal ação.

Outro ponto importante é a articulação da escolar com outros serviços de apoio, entre eles, os Centro de Apoio Psicossocial (CAPS) no qual o adolescente e a família podem ser direcionados para garantir apoio psicológico. Direcionar a outros serviços de saúde que realizem atenção integral a pessoas em situação de violência sexual, na qual a família e a vítima possam acessar os procedimentos necessários, entre eles, atendimento multiprofissional, realização de exames, profilaxias indicadas, acompanhamento ambulatorial etc.)

O olhar cuidadoso precisa reconhecer os sinais de alerta referente ao abuso sexual que os adolescentes emitem e os adultos, professores, gestores e familiares não se dão conta. Conforme Brasil (2018, p. 95):

Indícios orgânicos: contusões corporais; queimaduras; ferimentos; fraturas mal explicadas; roupas rasgadas ou manchadas de sangue; hemorragias; infecções; presença de sêmen. 95 Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica Indícios na conduta do adolescente: desconfiança exagerada dos adultos; mudança súbita e inexplicada no comportamento; receio dos pais e tentativa de passar o mínimo de tempo em casa; dificuldades de aprendizado; distúrbios do sono; regressão a comportamentos infantis; aparecimento de dores e sintomas para os quais não se encontra qualquer explicação médica; isolamento social; autoestima muito baixa, autodepreciação; nanismo psicossocial. Indícios na conduta dos pais ou responsáveis: observando-se na dinâmica da consulta condutas de excessos de zelo parental, tanto no controle da família quanto na avaliação negativa em relação ao filho/filha, o profissional deve ficar atento à possibilidade de violência, incluindo a sexual, no âmbito doméstico. Outras situações que podem ser preocupantes incluem conflitos conjugais com atos de violência física, verbal ou emocional; uso abusivo de álcool ou outras drogas; pais que foram vítimas de violência (física, sexual ou psicológica) em sua infância; ausência (física ou emocional) do lar ou da vida dos filhos; postura sedutora, insinuante, especialmente com crianças e/ou adolescentes.

Diante da realidade exposta, os desafios são muitos no enfrentamento e no combate à violência física e sexual de adolescentes, contendo professores e as escolas no seu fazer pedagógico vão tecendo fios de sonhos, redes de parcerias, e ao manter uma postura fraterna e um olhar cuidadoso para com os adolescentes

escolares contribuem para projetar sinais de esperança que vão forjando mudanças no interior da sociedade. Além disso, um ensino que se faz, conforme Brandenburg, Pereira, Fialho (2019, p. 6), com “críticas e reflexões quanto a sua prática pedagógica, e constantemente examinando seus saberes e aprimorando-os”, inclusive sobre o enfrentamento às violências e ao abuso sexual conseguirá proteger os escolares e conscientizar a sociedade para a relevância desse tema.

4 Considerações finais

Os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE 2019 foram relevantes e servirão de base para reflexão dos fatores de insegurança e violências, inclusive sexual ocorrida com escolares adolescentes.

As políticas públicas que visam conhecer e dimensionar os fatores de risco e de violência com o intuito de protegê-los e promover seu desenvolvimento e sua à saúde são incipientes e desarticuladas, pois o número de abusos e violência, inclusive sexual cresceram nos últimos anos, evidenciando que as meninas são as mais atingidas e as mais violadas.

A política nacional de saúde do adolescente e jovem que preconiza a atenção integral a esse segmento populacional, considerando as necessidades específicas de adolescentes e jovens, as características socioeconômicas e culturais da comunidade à qual pertencem, bem como as diferenças de gênero, raça e religião é uma premissa pela qual professores, profissionais de saúde e sociedade devem se articular e continuar a exigir do poder público de seja efetivada em todo território nacional.

Os fatores de inseguranças, a violência física e sexual impactam tanto o crescimento físico-biológico, quanto à formação das subjetividades dos adolescentes devido à condição peculiar de desenvolvimento.

Os fatores de risco e o comportamento de não-denúncia dos adolescentes deve incitar ações de apoio por parte das escolas e da rede de atenção básica no desenvolvimento de subjetividades saudáveis dos adolescentes, realizando rodas de

conversas, mediante uma escuta que possa ser aplicada no plano local de intervenção.

O cuidado que se desdobra no olhar cuidadoso, na empatia e no acolhimento dos escolares somado ao reconhecimento dos sinais de alerta, orientado pelo ministério da saúde, referente ao abuso sexual são ferramentas de combate e prevenção aos fatores de violência e insegurança vividos por adolescentes.

16

Ações de prevenção, na escola, provocam mudanças de comportamentos, principalmente, através de ações educativas com foco no desenvolvimento do senso crítico, no protagonismo juvenil e no desenvolvimento de habilidades. Essas ações esclarecem as crianças e adolescentes e evitam que a violência e abusos venha a acontecer.

Referências

BRANDENBURG, Cristine; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>. Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf. Acesso em: 01jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues; QUIXADÁ, Luciana Martins; MENEZES, Jaileila de Araújo; CAVALCANTE, Ana Jéssica de Lima; SOUSA, Raquel

Nascimento. Aproximações do campo tema juventude e violência na periferia de Fortaleza. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 474-493, 2021. Disponível em: <https://observatoriodejuventude.fortaleza.ce.gov.br/index.php/acervo/artigos-e-periodicos/75-aproximacoes-do-campo-tema-juventude-e-violencia-na-periferia-de-fortaleza>. Acesso em: 01 jul. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário brasileiro de segurança pública. 2022. **Violência sexual infantil os dados estão aqui para quem quiser ver**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PeNSE - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?edicao=31442&t=resultados>. Acesso em: 21 nov. 2022.

RAPOSO, Clarissa. **A Política de Atenção Integral à Saúde do Adolescente e Jovem: uma perspectiva de garantia de direito à saúde?** Rio de Janeiro: Em Pauta, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/450/548>. Acesso em: 04 abr. 2023.

VALE, Euclea Gomes. **Conceito de cuidado de enfermagem : contribuição para o ensino de graduação**. 2008. 154 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2083>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ⁱ Darlan Lima Paiva, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9374-2473>

Universidade Estadual do Ceará

Professor da rede municipal de Fortaleza e mestrando no programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde – PPCLIS.

Contribuição de autoria: escrita textual, metodológica, análise e discussão

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7974523281872265>

E-mail: darlan13@yahoo.com.br

ⁱⁱ Raimundo Augusto Martins Torres, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8114-4190>

Universidade Estadual do Ceará

Professor Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos de Enfermagem e Saúde PPCCLIS
Pesquisador em enfermagem e saúde, webcuidado clínico e educativo com as juventudes,
gêneros e tecnologias digitais da informação, comunicação e educação.

Contribuição de autoria: escrita textual e revisão

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9343125201221506>

E-mail: augusto.torres@uece.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

PAIVA, Darlan Lima; TORRES, Raimundo Augusto Martins. Fatores de insegurança para adolescentes escolares: promovendo uma cultura de cuidado. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.